



PIB volta a cair com novo confinamento

Recuo no primeiro trimestre pode ir até 7%, dizem os economistas

SÓNIA M. LOURENÇO

A economia portuguesa caiu nos últimos três meses de 2020 e deve voltar a cair no primeiro trimestre deste ano. Essa é, em regra, a posição dos economistas ouvidos pelo Expresso. É o preço do regresso ao confinamento, em moldes semelhantes a abril do ano passado, na primeira vaga da pandemia. A grande diferença são as escolas, que ficarão abertas. O tombo, contudo, não deve atingir as proporções da última primavera.

Vamos por partes. A informação relativa à economia portuguesa nos últimos três meses de 2020 ainda é parcial. Mas, com os dados disponíveis, os economistas antecipam uma contração face aos três meses anteriores, interrompendo a forte recuperação do verão, muito por causa dos confinamentos parciais. As projeções oscilam entre -1% (Millennium bcp) e -2,9% (ISEG), com o Santander a apontar para -1,9% e o BPI para -2,6%. A média indica uma queda de 2,1%, que, a confirmar-se, é mais severa do que os -1,8% estimados pelo Banco de Portugal em dezembro.

Já em termos homólogos, as projeções para o recuo do Produto Interno Bruto (PIB) oscilam entre 7,3% e 9%, com a média a indicar uma queda de 8,3%. Caso se confirme, a economia portuguesa terá encolhido 8,2% no ano passado, um valor ligeiramente menos severo do que os -8,5% previstos pelo Governo.

Mas os dados de dezembro podem ditar "uma surpresa positiva", diz José Maria Brandão de Brito, economista-chefe do Millennium bcp. Paula Carvalho, economista-chefe do BPI, reconhece que "os indicadores apontam para que o comportamento tenha excedido as nossas projeções, pela positiva. Em particular, o índice de mobilidade, com elevada correlação com a atividade económica durante esta crise".

O preço do confinamento

A expectativa de todos os economistas é de que a economia portuguesa volte a crescer em 2021, mas, penalizada pelo novo confinamento geral, pode cair

no primeiro trimestre. "Atendendo ao avanço da pandemia, vacinação muito lenta e novo confinamento, o primeiro trimestre deverá ser novamente fraco, com um possível novo recuo da atividade", considera Paula Carvalho, Rui Constantino, economista-chefe do Santander em Portugal, vai mais longe, antecipando uma contração mais forte do que no quarto trimestre de 2020, "pois obrigará ao encerramento das atividades ditas não-essenciais". Apesar da incerteza, avança números, apontando para um recuo face aos três meses anteriores entre 6% e 7%. "O efeito do novo confinamento pode ser elevado", diz Rui Constantino, e pode significar "uma subtração de entre 1 a 2 pontos percentuais ao cenário de crescimento anual de 3,5% em 2021 com que estávamos a trabalhar".

Contudo, Rui Constantino acredita que a queda da economia "não terá a mesma ordem de grandeza" da verificada na primeira vaga da pandemia, na última primavera. Uma posição partilhada por outros economistas ouvidos pelo Expresso. Recorde-se que, no segundo trimestre de 2020, o PIB recuou uns inéditos 13,9% face aos três meses anteriores e 16,4% em relação ao segundo trimestre de 2019.

Explicação? Primeiro, a perspectiva é de um confinamento temporário, por um mês, estando também a avançar a vacinação. Segundo, "à medida que o tempo passa, a sociedade vai-se adaptando e encontrando formas cada vez mais sofisticadas



O país entrou esta semana em novo confinamento geral
FOTO RUI DUARTE SILVA

criativas de funcionar nas novas condições, minorando o impacto negativo das restrições sobre a economia", frisa José Maria Brandão de Brito. Uma adaptação que se tem verificado "do lado da oferta e da procura", afirma, apontando exemplos como o serviço de entregas que muitas empresas

passaram a disponibilizar, o funcionamento da restauração em *take-away* ou o maior recurso às compras *online*.

Paula Carvalho aponta também "os enormes apoios à atividade económica, por via das medidas de suporte orçamental, da política de taxas de juro muito baixas e de compra de dívida do Banco Central Europeu, e as moratórias da dívida de famílias e empresas". Apoios que têm ajudado a manter o desemprego controlado. Os últimos dados do Instituto Nacional de Estatística, relativos a novembro, sinalizam até uma descida há três meses consecutivos. Contudo, Pedro Brinca, professor da Nova SBE, está "preocupado" por "o Governo português estar a apostar num modelo de apoios à economia muito mais assente no diferimento de obrigações (de crédito e fiscais, por exemplo) do que em apoios diretos às empresas. Até novembro, o Estado português havia gasto 2,5% do PIB (de 2019) em apoios diretos, por

oposição a países como a França (5,1%), Alemanha (8,3%) ou Espanha (4,3%), que têm aproveitado a suspensão de boa parte das proibições das ajudas de Estado para apoiar os respetivos sectores empresariais". Ora, "este novo confinamento irá provocar um endividamento ainda maior das empresas, que pode levar a que a opção racional seja abrir falência. Irá também atrasar a recuperação".

Já José Maria Brandão de Brito lembra que "os países onde o apoio ao rendimento é mais forte estão com taxas de crescimento económico em cadeia positivas". É o caso da Alemanha, "com forte crescimento do consumo", o que ajuda a sustentar a procura externa dirigida à economia nacional. Acresce que "ainda não recuperámos os níveis de atividade pré-pandemia, em especial no turismo", o que significa que a queda nunca será tão forte como na última primavera, aponta Rui Constantino.

Sandra Maximiano, professora do ISEG, junta outra variável

Como iremos trabalhar?

Desde novembro, altura em que o número de contágios por covid-19 voltou a agravar-se em território nacional, que o teletrabalho se tornou novamente obrigatório para as empresas. Essa continuará a ser a regra no novo confinamento, mas o Governo recupera o regime mais rígido do teletrabalho. Ou seja, volta a não ser necessário o acordo entre empregador e trabalhador para o poder implementar. Quando a atividade da empresa não seja compatível com o trabalho remoto, esta deverá aplicar o desfasamento de horários. Recorde-se que a obrigatoriedade do teletrabalho, que chegou a abranger mais de um milhão de trabalhadores na primeira vaga da pandemia, tinha sido levantada em julho, com a ordem do Governo para "desconfinar". Pouco mais de 412 mil trabalhadores regressaram às empresas nessa altura. Quando, em novembro, o número de contágios fez soar de novo os alarmes, o Executivo recuperou o regime. Contudo, a forma como o legislou — permitindo a recusa por parte do trabalhador ou das empresas — fez com que muitos nunca regressassem ao trabalho remoto, apesar de este ser obrigatório. Os números demonstram-no. Nos últimos meses, a Autoridade para as Condições de Trabalho fiscalizou 1050 empresas para verificar o cumprimento da obrigatoriedade do teletrabalho. Foram detetados 738 casos de incumprimento. Para fazer cumprir a regra neste confinamento, o Governo reforçará os mecanismos de fiscalização e duplicará as coimas a aplicar às empresas infratoras. C.M.

à equação: "As pessoas estão muito menos tolerantes em relação ao confinamento do que na última primavera, altura em que estavam muito assustadas e havia grande incerteza sobre como a covid-19 se propagava." Por isso, "é muito mais difícil que cumpram as regras definidas".

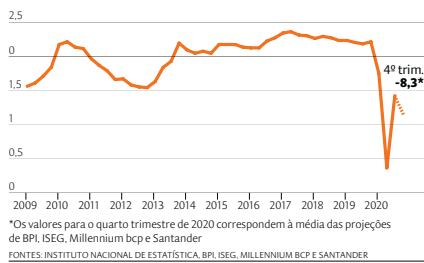
Tudo somado, apesar de toda a incerteza, "não me parece irrazoável termos uma variação em cadeia positiva no primeiro trimestre", considera José Maria Brandão de Brito. "A não ser, claro, que haja uma nova degradação da situação sanitária." E acredita numa "forte recuperação" na segunda metade do ano.

João Borges de Assunção, professor da Católica Lisbon SBE, está mais pessimista. Considera que o confinamento "terá um impacto económico muito significativo" e "pode ser suficiente para revertermos em baixo o ponto central da nossa previsão de crescimento de 2,5% para este ano".

Com CÁTIA MATEUS slourenco@expresso.imprensa.pt

ECONOMIA PORTUGUESA AGRAVA QUEDA NO QUARTO TRIMESTRE

Variação homóloga do PIB, em percentagem, por trimestre



DO LAY-OFF ÀS MORATÓRIAS. APOIOS ÀS EMPRESAS NO NOVO CONFINAMENTO

Lay-off simplificado
O Governo recuperou a 'bazuca' do primeiro confinamento para apoiar as empresas. Mas fez ajustes. Só as empresas encerradas por questões sanitárias poderão requerer o lay-off simplificado e os salários dos trabalhadores serão agora pagos a 100%.

Apoio à retoma progressiva
Foi prorrogado por mais seis meses e passará a abranger também os sócios-gerentes das empresas. Mecanismo prevê a redução de horários de trabalho até 100% em empresas afetadas pela crise mas cuja atividade não esteja suspensa, com a Segurança Social a partilhar o pagamento dos salários.

Apoiarp.pt alargado
Passam a beneficiar deste apoio a fundo perdido micro e pequenas empresas e também médias e grandes empresas com faturação inferior a €50 milhões anuais. Empresários em nome individual serão igualmente elegíveis desde que tenham trabalhadores a cargo.

Rendas e moratórias
Foi criado um apoio para as rendas comerciais de empresas, que compartilhará entre 30% e 50% do valor das rendas, consoante a quebra de faturação registada pela empresa. Além disso, famílias e empresas terão até 31 de março para requerer um novo regime de moratória para os seus créditos.

Obrigações fiscais facilitadas
Empresas com quebras de faturação homóloga igual ou superior a 25% podem requerer pagamento do IVA em três ou seis prestações sem juros. Micro, pequenas e médias empresas poderão, em 2021, ser dispensadas dos pagamentos por conta.

Linhas de crédito reforçadas
Há várias linhas de crédito ao dispor das empresas afetadas pela pandemia. Para atividades exportadoras estão disponíveis €1050 milhões, 20% convertíveis em apoio a fundo perdido. Empresas de eventos têm uma linha de €50 milhões e grandes empresas têm disponíveis mais €750 milhões em crédito.



PIB vai voltar a cair com novo confinamento

Recuo da economia portuguesa no primeiro trimestre pode ir até 7%, dizem os economistas

O PIB caiu nos últimos três meses de 2020 e deve voltar a cair no primeiro trimestre deste ano. Essa é, em regra, a posição dos economistas ouvidos pelo Expresso. É o preço do confinamento. es



**PRÓXIMA SEMANA
HABILITE-SE A GANHAR
UM RENAULT
TWINGO ELECTRIC**

idealista

O portal imobiliário
líder em Portugal

Expresso

Fundador: Francisco Pinto Balsemão

15 de janeiro de 2021
2516 • €4

Diretor: João Vieira Pereira
Diretores-Adjuntos: David Dinis,
Martim Silva, Miguel Cadete e Paula Santos
Diretor de Arte: Marco Grieco

www.expresso.pt

24h

Cuidados intensivos em risco na Europa
Com quase 33 mil doentes internados, a Inglaterra está a adiar a realização de transplantes e cirurgias oncológicas devido à pressão sobre as unidades de cuidados intensivos. Em Espanha, hospitais estão a prorrogar a atividade não urgente. Em Portugal, a ministra da Saúde ordenou a concentração de esforços nos cuidados intensivos de covid, mesmo que seja preciso protelar cirurgias prioritárias.

AR reduz trabalhos
A Assembleia da República vai voltar a realizar apenas dois plenários por semana, devido à pandemia, mantendo a redução do número de deputados em plenário.

Reino Unido proíbe viagens de Portugal
Os viajantes oriundos de Portugal não podem entrar no Reino Unido. O ministro dos Transportes britânico justificou a decisão com as "fortes ligações" de Portugal ao Brasil, onde foi descoberta uma nova variante do SARS-CoV-2.

Cultura com mais €42 milhões
A ministra Graça Fonseca anunciou um pacote de apoios para o sector, que visa entidades coletivas e pessoas singulares, a fundo perdido e sem passar por concurso.

Oeiras capital da cultura
Oeiras avança com candidatura a Capital Europeia da Cultura. "Vamos olhar para este concelho como uma rede urbana que usa a cultura como catalisador da sua organização territorial", diz o comissário da candidatura e antigo secretário de Estado Jorge Barreto Xavier.

Opinião reforçada
O Expresso vai reforçar as suas páginas de opinião com novas colunas quinzenais de Miguel Pinares Maduro, que alterna com Sérgio Sousa Pinto, e Isabel Moreira, que alterna com Eugénia Galvão Teles.

Integram esta edição semanal, além deste corpo principal, os seguintes cadernos: ECONOMIA, REVISTA E



PRESIDENCIAIS

MARCELO VOLTA À RUA SOB TUTELA DA DGS

Presidente já fez mais de 80 testes à covid e agora depende de uma autorização diária da DGS para poder sair à rua P10



ESPECIALISTAS ESTIMAM ABSTENÇÃO RECORDE

Pandemia ajuda a explicar o risco de se chegar acima dos 70% nestas eleições P8

JORGE SAMPAIO DEFENDE PAPEL ATIVO DE BELÉM

Ex-chefe de Estado diz que presidência tem papel essencial na escolha das maiorias P9

Governo preparado para manter restrições até à primavera

➔ Nos próximos dois meses vão morrer tantas pessoas como nos últimos dez ➔ Número de casos não deve baixar dos 10 mil antes de fevereiro ➔ Desconfinamento vai ser lento e gradual ➔ Falhou a proteção dos mais velhos, que estão no topo dos mais infetados P5,6,7e16



HOSPITAL DE CAMPANHA FECHADO HÁ MESES POR FALTA DE MÉDICOS

Unidade de contingência, com 58 camas de internamento para infetados ligeiros, está no Estádio Universitário desde junho e nunca foi utilizada P17

FOTONUNO FOX

O ÚLTIMO DIA DE GINÁSIOS, RESTAURANTES E CABELEIREIROS

P6e7

PIB PODE CAIR ATÉ 7% ESTE TRIMESTRE

E5

DGS SELECIONA CÂNCROS QUE NÃO PODEM FICAR POR OPERAR

P18

Portugal é o 4º país da Europa com as casas mais frias

Neste ranking, só Bulgária, Lituânia e Chipre estão pior do que nós P20

Investimento público foi a grande vítima do défice zero

Investimento líquido nacional é negativo e o mais baixo dos países periféricos do euro E11

Já começou a escolha do sucessor de Merkel P28

O que pode Portugal esperar de Joe Biden R16eP26

Zédu quer depor em caso de corrupção

Ex-Presidente de Angola nega acusações e vai testemunhar a partir de Barcelona E5

LINHA DE APOIO À ECONOMIA COVID-19 PARA MÉDIAS EMPRESAS, SMALL MID CAPS E MID CAPS

O mundo muda. Mas a ambição da sua empresa continua igual.

Caixa. Para todos e para cada um.

Saiba mais em cgd.pt

Caixa Geral de Depósitos, S.A.